

LESLEY PEARSE

ÉS O MEU DESTINO

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

Russell, Nova Zelândia, 1931

– **A** Mariette é tão... – Miss Quigley fez uma pausa, franzindo os lábios enquanto procurava o adjetivo mais adequado para descrever a sua indócil aluna. – Tão desafiadora!

Belle conseguiu reprimir um sorriso ao ouvir a descrição que a professora fazia da sua filha de onze anos. Era o que também lhe chamavam muitas vezes, quando tinha a mesma idade.

Findas as aulas do dia, pouco depois das quatro e meia, Miss Quigley sentira a necessidade de falar com a mãe de Mariette.

Belle levava a professora para a sala de estar, em sinal de respeito, mas não fazia a mais pequena tenção de lhe oferecer chá. Não queria encorajar a mulher a demorar-se.

– Penso que o que está a ver é apenas sinal de um carácter forte. O que foi exatamente que ela fez que lhe pareceu tão perturbador?

– Não tenho qualquer incidente em particular que seja um exemplo flagrante. Mas ela contesta tudo o que eu digo. Ainda há dias, estava a dizer à turma que muitos soldados neozelandeses perderam a vida durante a Grande Guerra, e ela declarou que a França tinha perdido vinte e cinco por cento dos seus homens.

– Mas é verdade – disse Belle. – Não chamaria contestação ao facto de o fazer notar... sobretudo sendo o pai francês e tendo lutado pelo seu país.

Era tentador acrescentar que Étienne fora condecorado com a Croix de Guerre pela sua coragem, mas Belle sabia que ele não gostaria que andasse a apregoá-lo.

Miss Quigley cruzou os braços sobre o peito.

– Mas é que ela tem opiniões a respeito de tudo! E também me irrita muito o hábito que tem de ensinar às outras crianças frases duvidosas em francês.

– Julgo que descobrirá que não têm nada de duvidoso. É só porque gosta do som da língua. Duvido que seja algo mais do que «Por favor, empresta-me um lápis», ou «Hoje está muito calor.» Tanto o pai como eu queremos que seja bilingue, e estamos muito satisfeitos com os seus progressos.

O bufar desdenhoso de Miss Quigley mostrou sem margem para dúvidas que considerava ensinar francês a uma criança uma coisa subversiva.

– É excessivamente confiante! – Disse isto como se fosse um insulto. – É sempre a primeira a falar, assume a liderança em tudo.

– Lamento muito que isso lhe pareça perturbador. – Belle pensou que aquela velha professora, seca como um galho, deveria concentrar-se em ajudar as crianças menos capazes da escola e dar graças por ter ao menos uma aluna que gostava de aprender. – Seria de esperar que uma professora apreciasse tal entusiasmo... É, ao fim e ao cabo, um elogio ao seu trabalho.

– O orgulho precede a queda – retorquiu a professora, com um novo bufar de reprovação. – Ela pode ser um peixe grande neste pequeno lago, mas como vai sair-se quando for confrontada com peixes ainda maiores?

– Uma criança confiante consegue sempre adaptar-se. – Belle estava a ficar cada vez mais irritada. – Vamos agora falar dos progressos dela na escola? Pensei que fosse esse o motivo da sua visita.

– A Mariette lê e escreve muito bem – admitiu Miss Quigley, de má vontade. – Também é boa a aritmética. Mas distrai as outras crianças quando acaba os seus trabalhos e impede os colegas de acabarem os deles.

– Fala com eles?

Belle sentiu que estavam finalmente a chegar a algum lado.

– Sim.

– Nesse caso, dir-lhe-ei que não o faça. Mas talvez pudesse dar-lhe mais trabalhos, ou outra tarefa qualquer para a manter ocupada?

Havia já algum tempo que Belle se apercebera de que Miss Quigley implicava com Mariette. Não lhe parecia que fosse por ela ser mais viva ou mais inteligente do que as outras crianças da mesma idade, mas apenas porque nem a filha nem ela própria bajulavam a professora como outras crianças e mães de Russell costumavam fazer.

Miss Quigley, uma mulher desengraçada, magra e reservada de quarenta e muitos anos, chegara a Russell para ensinar mais ou menos pela mesma altura em que Belle e Étienne tinham casado. Diziam as más-línguas que escolhera Russell para estar mais perto de Silas Waldron, um viúvo que vivia em Kerikeri e que conhecera em Auckland. Talvez na esperança de que a amizade desabrochasse em amor e casamento, o que obviamente não acontecera.

Nunca seria fácil para uma mulher solteira, sem família nem amigos próximos na área, adaptar-se à vida numa comunidade tão isolada depois de ter vivido numa grande cidade. Miss Quigley tinha muito pouco em comum com as mães dos seus alunos, cujas vidas giravam em torno dos maridos e das famílias, e o mais certo era achá-las muito provincianas.

E o facto de ser tão seca e empertigada – não se rebaixava a falar de banalidades e quase nunca sorria, quanto mais rir – não ajudava nada, e se alguma vez esperara encontrar um marido entre os homens ricos que visitavam a vila no verão para pescar espadartes, bem podia esperar sentada. Belle duvidava que qualquer deles

quisesse para esposa uma mulher de meia-idade com um ar tão amargo.

– Se me permite que fale com toda a franqueza, Mrs. Carrera, penso que devia tentar dominar a rebeldia da Mariette encorajando-a a dedicar-se a ocupações mais próprias de uma senhora do que velejar. Quando vinha para cá, vi-a empurrar o barco para a água com o vestido arregaçado de uma maneira muito pouco decente.

De repente, Belle era toda ouvidos. Olhou para a professora, alarmada.

– Viu a Mari levar o barco para a água? O pai não estava com ela?

– Não, estava sozinha, a gritar para alguém na praia, como uma peixeira.

– Porque foi que não mo disse logo que chegou? – Belle arrancou o avental e encaminhou-se para a porta. – Ou acredita que deixamos uma criança de onze anos andar de barco sozinha?

– É precisamente ao que quero chegar, ela é desafiadora – respondeu Miss Quigley. Mas a conversa acabou ali, porque Belle já tinha saído porta fora, deixando-a sozinha na sala de estar.

Belle correu a toda a velocidade ao longo da praia em direção ao pontão, com o coração apertado pelo medo. Étienne tinha prometido a Mariette sair com ela no pequeno barco à vela para mais uma lição depois das aulas, se acabasse o seu trabalho a horas. Mas, a dar crédito a Miss Quigley, Mariette achava que já sabia o suficiente para velejar sozinha.

Estava um belo dia de outubro, cheio de sol, com vento na medida certa para uma perfeita tarde de vela, mas Mariette não era suficientemente forte, nem suficientemente experiente, para controlar um barco sozinha. O pai dissera-lho dúzias de vezes. Uma súbita rajada de vento podia voltar o barco, e ela podia ser atingida na cabeça pela retranca. Apesar de saber nadar bem, a água da baía estava ainda muito fria naquela altura do ano, e em certos lugares havia correntes perigosas.

Ao ver Charley Lomax um pouco mais à frente, Belle gritou-lhe:
– A Mari saiu sozinha no barco. Importas-te de ir procurar o Étienne? E se vires a Mog, diz-lhe também a ela.

Charley Lomax era uma das personagens de Russell, com cerca de cinquenta anos, um bom trabalhador quando estava sóbrio, mas propenso a apanhar bebedeiras que podiam durar dias. Vivia numa esquálida cabana na orla da vila, mas Étienne gostava dele e trabalhavam muitas vezes juntos em projetos de construção.

O homem agitou a mão para fazer sinal de que compreendera o que ela tinha dito e afastou-se a correr tão depressa que era evidente que naquele dia estava sóbrio.

Uma súbita dor no lado obrigou Belle a deter-se por um instante. A fazer pala com a mão para proteger os olhos, examinou a baía. O barco tinha uma vela vermelha, e quando Étienne o comprara Belle deixara-se muitas vezes ficar a vê-lo prepará-lo para sair. Não achara graça nenhuma quando ele começara a levar Mariette para a ensinar, e ainda não o deixava levar os rapazes, Alexis e Noel, que tinham apenas oito e sete anos, respetivamente, e ainda não nadavam muito bem. Mas cedera no caso de Mariette, porque a rapariga adorava tudo o que tivesse a ver com barcos e com o mar e adorava acima de tudo estar sozinha com o pai.

Avistou o bote, que deslizava a boa velocidade, já muito afastado da margem. Mariette era apenas um minúsculo ponto, sentada na borda e inclinada para trás para manter o bote equilibrado. O medo de Belle era que não tivesse força de braços suficiente para o fazer dar a volta e fosse levada para o mar aberto, onde as ondas eram grandes.

– *Belle!*

Belle voltou-se ao ouvir o grito de Mog e viu-a correr na sua direção, a arrastar Alexis e Noel pela mão. Quase todos os dias era ela que ia buscá-los à escola, pois acabavam as aulas meia hora antes de Mariette, e geralmente levava-os a dar um passeio, para os deixar gastar o excesso de energia acumulada.

Em qualquer outra ocasião, Belle teria ficado espantada ao ver como uma mulher de cinquenta e nove anos e com um ligeiro coxear era capaz de correr tão depressa. Naquele momento, porém, só conseguia pensar no perigo em que a filha se encontrava.

– A Mari está ali, sozinha – gritou, a apontar para o barco, ao longe. – Sabes onde está o Étienne?

Mog chegou junto dela e dobrou-se pela cintura, esgotada pelo esforço da corrida.

– O Charley foi chamá-lo. Está perto, em casa dos Baxter – ofegou. – Há de ir diretamente para o pontão e levar o outro barco para ir buscá-la. É melhor ires com ele, para o ajudar.

– Se o barco se volta, ela afoga-se – disse Belle numa voz que tremia, enquanto continuavam a avançar para o pontão. – Avisei-a um milhão de vezes de que o mar pode ser perigoso. Porque é que ela tem sempre de contestar tudo?

– Acalma-te, Belle – disse Mog. – A Mari fez mal em desobedecer-te, mas se continuas a ver o barco direito, é porque ainda não há necessidade de entrar em pânico. O Étienne vai estar aí antes que o Diabo esfregue um olho.

Mog não se enganava. Quando pisaram o pontão, uma nuvem de pó anunciou a chegada de Étienne na velha camioneta.

Apesar de já ter feito cinquenta e um, os anos tinham sido generosos para com ele, e continuava tão esbelto e forte como no dia em que tinham casado. Tinha mais rugas à volta dos olhos azuis, e o cabelo era mais branco do que louro, mas conservara o poder de fazer os corações das mulheres palpitem um pouco, sobretudo o de Belle.

Como ela esperava, ele não se deteve para explicações, recriminações ou sugestões. Disse a Alexis que corresse a casa e trouxesse uma manta quente, pediu a Mog que ficasse com Noel, agarrou a mão de Belle e correram juntos pelo pontão até ao sítio onde estava amarrado o pequeno barco de pesca. Saltou para bordo e ligou o motor, enquanto Belle soltava as amarras e saltava atrás dele. Étienne

afastou o barco do pontão com a ajuda de uma vara de manobra e segundos depois iam a caminho do bote.

Étienne olhou para a minúscula embarcação ao longe.

– Está a manobrá-lo bem – disse, com uma inconfundível nota de orgulho, mas então olhou para a cara aterrorizada de Belle. – Não podíamos esperar ter filhos dóceis e obedientes, Belle! A Mari herdou o melhor e o pior de nós os dois.

Belle esteve tentada a dizer que ele nunca devia ter comprado o bote – e que nunca lhe perdoaria se Mariette se afogasse, ou ficasse sequer magoada –, mas não o fez, porque sabia que Étienne nunca perdoaria a si mesmo se acontecesse alguma coisa. Além disso, tinha concordado que todas as crianças que viviam junto ao mar deviam saber nadar e andar de barco, de modo que era tão responsável como ele.

Nenhum dos dois voltou a falar, ambos a desejar, em silêncio, que o barco de pesca fosse mais rápido. À medida que se aproximavam, viam nitidamente como Mariette lutava contra a força do vento na vela.

– Está agarrada à escota com todas as forças e a esquecer-se do leme para o fazer virar – disse Étienne. Tinha os dentes cerrados de medo, porque se Mariette continuasse como estava, não tardaria a sair da baía para o mar aberto.

Enquanto se aproximavam, uma súbita mudança do vento fez o pequeno bote capotar e, horrorizados, os dois viram Mariette ser lançada borda fora como uma boneca de trapos. Viram-na cair, ouviram o chapão na água, e viram-na desaparecer no mesmo instante.

– Onde está ela? Não a vejo! – gritou Belle.

Perto de Russell, o mar estava calmo, mas ali, tão ao largo, encrespava-se, e o choque da imersão repentina numa água extremamente fria podia ser o suficiente para impedir alguém de nadar, sobretudo uma rapariga pequena.

– *Mari!* – gritou Étienne, a plenos pulmões. – Ouves-me?

Estavam a cerca de cinquenta metros de distância do barco voltado, e Belle, louca de medo, perscrutava as ondas à procura da

filha. Olhou para o marido e viu que tinha os dentes cerrados de absoluta determinação. Étienne baixou o regime do motor e preparou-se para mergulhar.

– Pega no leme e contorna o bote, devagar e de largo – disse ele, enquanto descalçava as botas. – Se a vires, grita e agita isto – acrescentou, entregando-lhe um pano vermelho.

Mergulhou e voltou à superfície a cerca de três metros de distância.

Belle fez o que lhe fora dito, contornando devagar o bote voltado, ao mesmo tempo que chamava o nome da filha e sondava a superfície do mar com um olhar ansioso. Étienne mergulhava, voltava à superfície, mergulhava de novo.

O terror ameaçava apoderar-se de Belle, que imaginava vê-lo a qualquer momento reaparecer à tona trazendo nos braços o corpo sem vida da filha. Tentou controlar o pânico dizendo a si mesma que sabia que Mariette não tinha sido atingida pela retranca, pelo que não estaria inconsciente, e que nadava como um peixe. Mas cada segundo que passava sem a ver significava que já se tinha afogado.

– Por favor, Deus, salva-a – murmurou, num paroxismo de aflição, enquanto Étienne voltava a mergulhar.

E então, como que em resposta à sua prece, viu-a. Um rosto branco e assustado balouçou na crista de uma onda e mãos desesperadas estenderam-se para a quilha do bote voltado.

– Fica aí, Mari – gritou Belle, agitando o pano vermelho com gestos fenéticos. – O papá vai-te buscar! Agarra-te com força!

Étienne emergiu do outro lado da quilha.

– Deste lado! Ela está deste lado do barco! – gritou Belle, e apontou.

Étienne ergueu uma mão para lhe dar a entender que tinha ouvido. Enquanto nadava para contornar o bote voltado, Belle manobrou o barco de pesca para o aproximar.

Étienne não precisou de mais de um par de minutos para chegar junto de Mariette e, segurando-a, nadou com ela até ao barco de pesca e entregou-a nos braços estendidos de Belle.

– Vou voltar ao bote para o endireitar. Podemos rebocá-lo até Russell – gritou da água, e tornou a afastar-se.

– Oh, Mari, és uma menina tão má – exclamou Belle enquanto despia à filha o vestido encharcado e a envolvia num velho casaco de Étienne. – Tive tanto medo que te tivesses afogado.

– O papá disse-me que se alguma vez o barco se voltasse, eu devia ficar junto dele – soluçou Mariette, a tossir e a cuspir água salgada. – Mas não conseguia ver por causa das ondas e tinha muito medo. Estava a nadar na direção errada, e então voltei-me e vi-o.

Belle não se sentia com coragem para sermões naquele momento, estava demasiado aliviada por Mariette estar a salvo, de modo que se limitou a abraçá-la com força contra o peito enquanto via Étienne endireitar o bote e prender-lhe um cabo de reboque. Não havia muito que ele não soubesse a respeito de barcos – aprendera a velejar quando era rapaz, em Marselha, e era sempre muito requisitado pelos proprietários de barcos de Russell, tanto como tripulante como para fazer reparações –, mas não sabia muito a respeito de crianças, e Belle estava furiosa com ele por ter encorajado uma garota de onze anos a pensar que sabia o suficiente para sair sozinha para o mar.

Se Miss Quigley não tivesse visto Mariette a empurrar o bote para a água, podia ter passado outra hora ou mais antes que fosse procurá-la. Uma vez fora da baía, a corrente teria arrastado a criança para o largo, e talvez o seu pequeno corpo nunca mais fosse encontrado.

Mas não disse nada disto a Mariette, que já apanhara um susto mais do que suficiente. De momento, tudo o que queria era manter a filha aquecida e apertá-la contra o peito.

Étienne tinha razão quando dizia que a filha herdara o melhor e o pior dos pais. Era tão temerária como o pai e tão determinada como a mãe. Era, também, tortuosa, teimosa e desobediente. Até no físico era uma mistura dos dois, com cabelo louro-arruivado e encaracolado, como a mãe, os pómulos altos do pai, e os olhos azul-escuros e a boca larga da mãe. Não era exatamente bonita, mas havia algo de cativante nas suas feições, como acontecia com Étienne.

– Estás muito zangado comigo? – perguntou Mariette numa vozinha trémula, quando o pai subiu para bordo e começou a despir as roupas encharcadas.

– Estou, sim – respondeu Étienne, com um ar severo. – Disse-te dúzias de vezes para nunca saíres no barco sozinha. Não posso acreditar que me desobedeceste. Tiveste muita sorte por termos descoberto onde estavas a tempo e por irmos a caminho. Não é só uma questão de ser um bom nadador, a água está gelada e até um homem adulto como eu pode ficar paralisado numa questão de minutos. Sabes o que aconteceria à tua família se te tivesses afogado?

– Ficavam todos muito tristes – respondeu Mariette, de cabeça baixa e a tentar encolher-se ainda mais no velho casaco em que Belle a tinha embrulhado.

– Não apenas tristes, destroçados – disse ele, agachando-se em frente da filha. – És apenas uma garotinha, podes ter aprendido a velejar com mar calmo e pouco vento, mas ainda não tens força suficiente para controlar um barco com vento forte. Tens de aprender a obedecer-me a mim e à tua mãe, Mariette. Não te proibimos de fazer coisas só para sermos maus para ti, é para tua segurança.

– Pe-peço des-desculpa – gaguejou ela, em parte por causa do frio, mas também por saber que estava metida em sarilhos. – Queria que te orgulhasses de mim por eu saber andar tão bem de barco.

– Orgulhávamo-nos muito mais de ti se fosses obediente – disse Belle, pondo-se de pé para ir ligar o motor. – Se Miss Quigley não te tivesse visto, só saberíamos onde estavas quando já fosse demasiado tarde. Espero que entendas isto como um aviso e nunca mais voltes a sair para parte nenhuma... num barco, num carro ou a pé... sem primeiro me perguntares a mim ou ao teu pai se podes.

– Prometo – soluçou Mariette. – Por favor, não fiquem zangados comigo.

Belle voltou-se para olhar para a filha. Estava aninhada contra o pai, como costumava fazer quando tinha cinco ou seis anos. Nessa altura, o cabelo dela era de um louro muito puro. Agora

estava a ficar mais cor de cobre e encaracolado, e Belle mantinha-o preso em tranças apertadas para não o deixar tornar-se um matagal rebelde. Desde muito pequena que Mariette aprendera a adotar uma expressão de anjinho de olhos arregalados que Belle e Étienne achavam encantadora mas que por vezes os preocupava, porque ela a usava para os levar à certa, e às outras pessoas também. De momento, estava sinceramente arrependida, mas Belle tinha consciência de que nunca seria uma criança submissa e obediente. Da próxima vez que se lhe metesse na cabeça fazer qualquer coisa que não devesse, a lição daquele dia seria esquecida.

Quando estavam a escolher um nome para ela e Étienne sugerira Mariette, porque fora o nome da mãe, acrescentara, a rir, que significava Pequena Rebelde. Seria o nome que a fazia comportar-se daquela maneira?

Nunca bebé algum fora mais desejado. Os médicos tinham dito a Belle, quando ela perdera o filho do seu primeiro marido, Jimmy Reilly, em Inglaterra, que era pouco provável que pudesse voltar a conceber. Na altura, com Jimmy a ser gravemente ferido na guerra e todos os problemas que isso acarretara, aceitara o facto de que nunca viria a ser mãe e esforçara-se muito por evitar pensar sequer em bebés. Mas nunca conseguira. Sempre fora como uma ferida dentro dela, uma fonte constante de desgosto.

Então, no fim da guerra, surgira a gripe espanhola e, como dezenas de milhares de outros, Jimmy apanhara-a e morrera, tal como Garth, tio dele e marido de Mog.

Belle e Mog tinham ido para a Nova Zelândia dispostas a começarem uma nova vida. E no entanto, embora fosse jovem, Belle não tinha expectativas de encontrar outro homem que pudesse amar. Ouvira certa vez alguém referir-se a ela e a Mog como as «Duas Viúvas Inglesas», e adivinhara que era o que toda a gente lhes chamava. Pensava que envelheceriam as duas juntas, ganhando a vida a fazer vestidos e chapéus, e que o mais perto que chegariam de uma criança seria a cuidar dos filhos das vizinhas.

Então Étienne, um homem que ela amara e que julgava ter morrido em França, aparecera à sua procura. Ainda agora considerava aquilo um milagre; já tinha aceitado que naquele ponto da sua vida nunca mais voltaria a sentir amor e paixão.

Chocara as boas almas de Russell ao não esconder o seu desejo pelo galante francês, mas não se importara. Acreditara que Deus – ou apenas a sorte – tinha intervindo para a compensar de todos os desgostos do passado. Estava grávida de quatro meses quando tinham casado, e nunca em toda a história da humanidade noiva alguma chegara diante do altar mais orgulhosa e feliz.

Tanta coisa acontecera desde então... provações, desapontamentos, períodos de grande ansiedade. E no entanto, ter Étienne a seu lado, e a alegria que viera com cada um dos seus três maravilhosos e saudáveis filhos, tinham feito que até os tempos mais conturbados parecessem insignificantes.

Naquele momento, porém, enquanto voltava a olhar para Mariette, apercebia-se de que os filhos podem trazer desgostos ainda maiores do que qualquer das coisas más que experimentara no passado. Mariette era demasiado corajosa e irrequieta para o seu próprio bem, e tão obstinada como qualquer dos pais. Quando tivesse quinze ou dezasseis anos, a sua ousadia e espírito de aventura iam provavelmente fazê-la rebelar-se contra a vida tranquila e sonolenta que fazia ali em Russell e procurar a excitação que desejava noutro lugar qualquer. Belle sabia melhor do que ninguém que perigos ameaçavam raparigas como ela, e a simples ideia de Mariette poder ser sujeita a alguns desses perigos gelava-lhe o sangue nas veias.

Mog levava os rapazes para casa e deixara duas mantas no pontão. Étienne embrulhou Mariette numa delas, pôs a outra à volta dos ombros nus e, depois de amarrar o barco, pegou na filha ao colo e levou-a para casa.

Mog e os rapazes esperavam no alpendre da pequena moradia de Robertson Street. Os binóculos pousados em cima da mesa davam testemunho de que tinham acompanhado ansiosamente,

de terra, a operação de salvamento e só tinham regressado a casa depois de saberem que Mariette estava a salvo.

Mog nunca fora dada a dramas; limitou-se a estender os braços para a criança que tiritava e dizer que tinha um banho quente à espera dela, acrescentando que Étienne deveria aproveitar para fazer o mesmo logo a seguir.

– Vais dar-lhe umas palmadas no traseiro? – perguntou Noel, com uma nota de esperança na voz.

Ambos os rapazes tinham o cabelo escuro de Belle, e os seus olhos eram azul-cobalto, mais escuros do que os dela, mas a expressão facial era a do pai: desconfiada, atenta. No entanto, nenhum deles era tão aventureiro como a irmã mais velha. Étienne ria sempre que alguém referia o facto, e respondia: «Deem-lhes tempo!»

– Não sejas parvo, Noel – disse Alexis. – Já lhe chega o susto que apanhou, quase a afogar-se.

O tom superior de Alexis fez Belle sorrir. Usava-o muitas vezes, como que para marcar bem que era um ano mais velho. Fazia lembrar a Belle a falecida mãe, Annie, com as suas feições fortes e a mesma tendência para ser gelado. Mas, felizmente, Alexis era sensato e podia-se ter sempre a certeza de que fazia o que lhe mandavam.

Mais tarde nessa noite, depois de as crianças terem jantado e ido para a cama, Mog foi buscar a garrafa de *brandy* que guardava na despensa e serviu uma medida em três copos.

Estavam na cozinha, a louça do jantar tinha sido lavada e arrumada. Havia já muito que anoitecera, mas o clarão do candeeiro a petróleo tornava o ambiente acolhedor e propício a uma conversa em família.

– Eu sei que estão os dois preocupados com a Mari – disse Mog, enquanto entregava um copo a Belle e outro a Étienne. Ambos tinham estado sombriamente silenciosos durante a refeição da noite; as crianças tinham detetado o ambiente geral e ido para a cama sem as habituais manobras dilatórias. – Mas talvez tenha sido bom ela

ter apanhado um susto hoje. Duvido que volte a correr um risco assim tão cedo.

Mog comprara a pequena casa de madeira quando ela e Belle tinham chegado a Russell, mas Étienne ampliara-a consideravelmente desde que casara com Belle. Estavam ainda à espera que a eletricidade chegasse à vila, mas a cozinha era agora muito maior e havia uma lavanderia separada com uma caldeira para aquecer água para os banhos e para lavar a roupa. De um dos lados da casa, Étienne construía duas divisões para Mog, a que ela tanto podia aceder através do vestíbulo como pelo alpendre que corria ao longo da fachada. Por cima das divisões de Mog havia dois quartos novos. Os rapazes partilhavam um e Mariette ocupava o outro.

Tinham dito às pessoas que Mog era tia de Belle, o que era uma explicação muito mais fácil do que a verdade. Na realidade, Mog trabalhara como criada para Annie Cooper, a mãe de Belle, e fora praticamente ela que a criara. Anos mais tarde, Mog casara com Garth Franklin e Belle com o sobrinho de Garth, Jimmy Reilly. Excetuando o par de anos em que estivera na América e em Paris, e o tempo que passara como condutora de ambulâncias, em França, durante a guerra, ela e Mog sempre tinham vivido juntas. Para os filhos de Belle e de Étienne, desempenhava o papel de uma avó muito querida. Como tal, a sua opinião a respeito das crianças – ou, de facto, sobre qualquer questão familiar – era sempre valorizada.

– Concordo, Mog – assentiu Étienne. – Um bom susto é uma das melhores maneiras de as crianças aprenderem o que é o perigo. Felizmente, ninguém sofreu hoje, a não ser nós, os adultos. Acho que preferia voltar a Ypres a reviver aqueles momentos horríveis enquanto procurava a Mari no mar. Sei que foi o mesmo para ti em terra, Mog, e a pobre Belle ainda está abalada.

– Devíamos livrar-nos daquele barco – desabafou Belle. – Talvez a Mari tenha ficado demasiado assustada para repetir a graça, mas um dos rapazes pode querer tentar.

Étienne pegou-lhe nas mãos e sorriu, compreensivo.

– Vivemos num sítio onde o mar é um perigo sempre presente, e dependemos dos barcos para nos deslocarmos. Também foi assim para mim quando era criança, em Marselha. Sei que é muito melhor ensiná-los a respeitar os perigos do mar, e a manobrar bem um barco, do que tentar mantê-los afastados da água.

– Concordo. Em todo o lado há perigo para as crianças – disse Mog. – Trepas às árvores, desconhecidos que podem querer fazer-lhes mal, comer bagas venenosas, doenças contagiosas, a lista é interminável. É impossível protegê-las de tudo. E tu sabe-lo melhor que ninguém, Belle!

Belle suspirou.

– Sim, sei, mas pensei que criando os nossos filhos aqui, neste lugar tão bonito, as probabilidades de acontecer alguma coisa má seriam menores. Sabem o que a Mari me disse quando lhe fui aconchegar a roupa esta noite? «Gostava de ser uma heroína como a Grace Darling ou a Joana d’Arc. Não quero trabalhar numa padaria nem coser vestidos.» Se é com coisas destas que ela sonha, como podemos alimentar a esperança de que case com um homem bom e trabalhador e tenha um rancho de filhos?

Étienne riu.

– Ela só tem onze anos, Belle. Aposto que também sonhavas com coisas assim, quando tinhas a mesma idade.

– Só com fazer chapéus bonitos – respondeu Belle. – Não me imaginava a salvar pessoas num barco a remos nem a chefiar um país na guerra.

– O meu sonho era conhecer a rainha Vitória – disse Mog. – E o teu, Étienne?

– Ter montes de coisas para comer – disse ele. – Mas a verdade é que passava a maior parte do tempo meio morto de fome.

– Então vocês os dois realizaram os vossos sonhos – concluiu Mog, com uma gargalhada. – Eu não. Nem sequer consegui enfrentar as multidões para ver o cortejo fúnebre da rainha Vitória. Não deves preocupar-te com os devaneios da Mari a respeito de ser uma heroína, não faz mal nenhum aspirar a coisas corajosas e boas.

Além disso, espera até que os rapazes cresçam um pouco mais: hão de fazer coisas que vão pôr-te os cabelos brancos. Não podes envolvê-los num casulo de algodão. Tudo o que podes fazer é ensinar-lhes os valores certos, apontá-los na direção certa e rezar! Um dia, hás de sentar-te no alpendre com um dos teus muitos netos ao colo e sentir-te muito feliz por tudo ter corrido bem.

Mog era sempre a voz da razão, e Belle e Étienne amavam-na por isso. Acontecesse o que acontecesse – Étienne perder dinheiro numa tentativa gorada de plantar uma vinha, um incêndio na cozinha que os obrigara a reconstruir a casa, ou até a vaca que entrara no jardim num dia em que estavam fora e comera a maior parte das plantas e legumes antes que voltassem a casa e corressem com ela –, Mog conseguia sempre ver a franja dourada na nuvem mais escura. Belle lembrava-se de, depois do incêndio, Mog ter dito que até viera a calhar, porque de qualquer modo andavam a pensar em ampliar a casa. Até brincara com o desastre da vinha, afirmando que se tivesse sido um êxito teriam começado todos a beber demasiado.

Era uma alma feliz com uma filosofia simples: enquanto tivesse a família que tanto amava à sua volta, comida suficiente na mesa e um teto por cima da cabeça, nada poderia fazer-lhe mal. Com cinquenta e nove anos, continuava a ter a energia de uma mulher dez anos mais nova. Podia usar óculos, e ter os cabelos brancos como a neve e o rosto enrugado, mas continuava a ser uma mulher imponente. Nem mesmo naquela altura, em que os bancos executavam hipotecas todos os dias e havia uma depressão a nível mundial, tinha perdido o otimismo, convencida de que nada de mau lhes ia acontecer.

– São os anos daqui até que as crianças assentem e tenham os seus próprios filhos que me preocupam – disse Belle. Mas disse-o com um sorriso, porque com Mog e Étienne a seu lado, sentia-se quase invencível.

Enquanto os três bebericavam o *brandy*, Mog examinava Belle com um olho avaliador. Com trinta e seis anos, Belle continuava a ser uma mulher muito bonita, os seus cabelos negros e encaracolados

eram tão luxuriantes como quando tinha vinte, e as poucas rugas de riso e os poucos quilos que ganhara ao longo daquele tempo tinham aumentado em vez de diminuir os seus encantos. Era uma mulher que os homens desejavam e, por causa disso, algumas das matronas de Russell vigiavam-na como falcões. Mas não precisavam. O coração de Belle pertencia inteiro a Étienne, e ela não tinha olhos para mais ninguém. Também Belle estava segura com ele, Étienne não se interessava por outras mulheres, e só um louco arriscaria desafiar a sua ira – um olhar para aqueles frios olhos azuis, e a cicatriz já muito apagada na face, era o suficiente para dizer fosse a quem fosse que não era um homem que conviesse irritar.

Mog lembrava-se bem das suas reservas quando ele aparecera pela primeira vez à procura de Belle. Podia ser um herói de guerra, mas a maneira como vivera antes disso não tinha nada que a recomendasse. Mas então vira a luz nos olhos de Belle quando olhara para ele, sentira que era aquele o destino dela, e por isso aceitara-o.

Agora, amava-o como se fosse seu filho. E ele provara uma e outra vez o seu valor. Era forte, fiável, terno e fiel, com um maravilhoso sentido de humor que nunca o abandonava nem nos momentos mais difíceis. Quer estivesse a pescar para pôr comida na mesa, a fazer trabalho de construção, a desbravar a terra ou a embalar um dos filhos nos braços para o adormecer, dava o seu melhor. Sim, talvez o seu plano de plantar uma vinha tivesse falhado – uma coisa que as pessoas mais mesquinhas de Russell gostavam de recordar com prazer –, mas, no todo, sempre fora um excelente marido e pai, e era apreciado na comunidade.

– Em que estás a pensar? – perguntou Étienne, a olhar para Mog com uma sobranceira inquisitivamente arqueada.

– Em como estou feliz por tudo ter corrido bem para vocês – respondeu ela. – Fizemos bem em vir todos para a Nova Zelândia, não fizemos?

– Fizemos com certeza – disse Belle, com um sorriso. – Quando desespero por não termos eletricidade, canalizações modernas

e estradas decentes, penso em como o tempo deve estar frio e chuvoso em Inglaterra.

– Aproximam-se dias difíceis para todos nós – avisou Étienne.
– O colapso de Wall Street foi há dois anos, há sete de milhões de desempregados na América, e também aqui as coisas estão a complicar-se. Os agricultores não recebem quase nada pelos seus produtos, há fábricas a fechar em Auckland, os efeitos hão de acabar por chegar até cá.

– Não vai impedir os ricos de virem pescar e velejar, pois não? – perguntou Belle.

Ao longo dos últimos dez anos, tinham assistido a um grande aumento do número de pessoas que chegavam para passar o verão, sobretudo graças ao grande escritor e desportista americano Zane Grey, que, em 1926, estivera em Russell para pescar espadartes. No ano seguinte, o duque e a duquesa de York tinham passado algumas noites no porto a bordo do *HMS Renown*, e desde então tinham aparecido dúzias de outras pessoas ricas e importantes. Belle e Mog tinham tirado bom partido destes visitantes, sobretudo fazendo alterações nas roupas que levavam, Mas Belle vendera também bastantes chapéus e Mog fizera calções, saias e blusas para as senhoras que achavam as suas roupas demasiado formais para aquele lugar.

Quanto a Étienne, levava inúmeros grupos a pescar no seu barco, famílias inteiras que queriam um piquenique numa praia, e transportara veraneantes de um lado para o outro. Meses antes, a estrada que ligava Russell a Whangarei ficara pronta, e aquele verão era o primeiro em que os turistas podiam chegar de carro, apesar de a estrada ter mais curvas do que um saca-rolhas.

– Talvez os mais ricos continuem a vir, mas os pequenos parques de campismo aqui à volta já começaram a sentir o aperto, agora que as pessoas das cidades estão a perder os empregos – fez Étienne notar. – Somos capazes de ter de começar a apertar o cinto, em breve.

– Vamos ficar bem – disse Mog, convicta. – Podemos não ter dinheiro no banco, mas não temos dívidas e nós os três somos

capazes de experimentar seja o que for. Mas o que devíamos estar a fazer agora era decidir como vamos lidar com a Mari. Amanhã já não se vai lembrar de que escapou por uma unha negra. Tem de ser castigada de tal maneira que não se esqueça de como o que fez foi grave. Além disso, está a tornar-se demasiado indisciplinada. Miss Quigley tem razão quando diz que ela é desafiadora, e isso não é bom numa garotinha de onze anos.

– É confiante, só isso – disse Belle, irritada. – Não vou criá-la como a Annie me criou a mim, praticamente uma prisioneira.

– Isso é injusto, Belle – interveio Étienne. – A Mog teve de manter-te perto de si quando eras criança porque em Londres havia perigos por todo o lado. Não é isso que a Mog quer fazer com a Mari.

– Claro que não – disse Mog. – Ela só precisa de ser um pouco mais controlada. Há já algum tempo que entra e sai quando bem lhe apetece. Devia ajudar mais em casa, aprender a cozinhar e a costurar, não a trepar às árvores e a jogar à bola com os rapazes. Mais quatro anos e será uma mulherzinha, e não preciso de te dizer, Belle, os perigos que isso pode acarretar.

Belle franziu os lábios.

– Oh, não olhes para mim com esses ares de santinha! – exclamou Mog, impaciente. – Admitamo-lo, entre os três, conhecemos bem de mais todos os sarilhos em que os jovens se podem meter. Aqui há muito menos tentações do que havia em Londres, ou em Marselha. Mas a vida pode ser demasiado aborrecida para os nossos pequenos. E isso há de fazê-los arranjar problemas.

Étienne sorriu.

– Tens razão, Mog, como sempre. Ficaria muito mais feliz se o sonho da Mari fosse ter uma loja de chapéus, ou tornar-se bailarina. Mas uma vez que isso é improvável, temos de encaminhá-la para qualquer coisa mais segura do que tornar-se uma nova Joana d’Arc.

– Quem lhe terá falado de Joana d’Arc? – disse Belle, a olhar acusadoramente para ele.

Étienne encolheu os ombros, num gesto muito francês.

– Falo aos rapazes do rei Artur, tal como falo à Mari de uma camponesa francesa que chefiou os exércitos do seu país numa guerra. Pensei que querias igualdade para as mulheres.

– E queria. Quero. Mas quando temos uma filha nossa, esperamos que case com um homem bom que a ame e que seja feliz para sempre.

– Também eu espero isso – concordou Étienne. – Mas ao mesmo tempo quero que a Mari aspire a coisas maiores. É inteligente, talvez o seu destino seja ser médica, ou advogada, ou ser bem-sucedida onde eu falhei e ter a sua vinha. Devemos fazer tudo o que pudermos para canalizar as forças dela na direção certa.